

Professor, como ficar com o corpo perfeito?

Carlos Alberto Oliveira Gomes

Maio de 2022, mais um dia da tematização de caratê na Escola da Prefeitura de Guarulhos Dorcelina de Oliveira Folador com a turma do 5º ano H. Na primeira aula de uma segunda-feira adentro à sala:

Bom dia pessoal, beleza? Bora continuar o trabalho com o caratê? De imediato um aluno levanta a mão solicitando a palavra: Professor como posso ficar com o corpo perfeito? Que pergunta interessante, mas por que a pergunta? Professor quero ficar no shape, ter uma barriga de tanquinho. Mas, para vocês o que é ter um corpo perfeito? É ser fortão, magro. Mas professor, todos os corpos são perfeitos... O que vocês acham, após finalizarmos nossos estudos sobre o caratê iniciarmos um trabalho sobre esse assunto? Risos. Surgiram mais algumas perguntas e entusiasmo com a ideia até alguém pedir: vamos logo para a quadra professor.

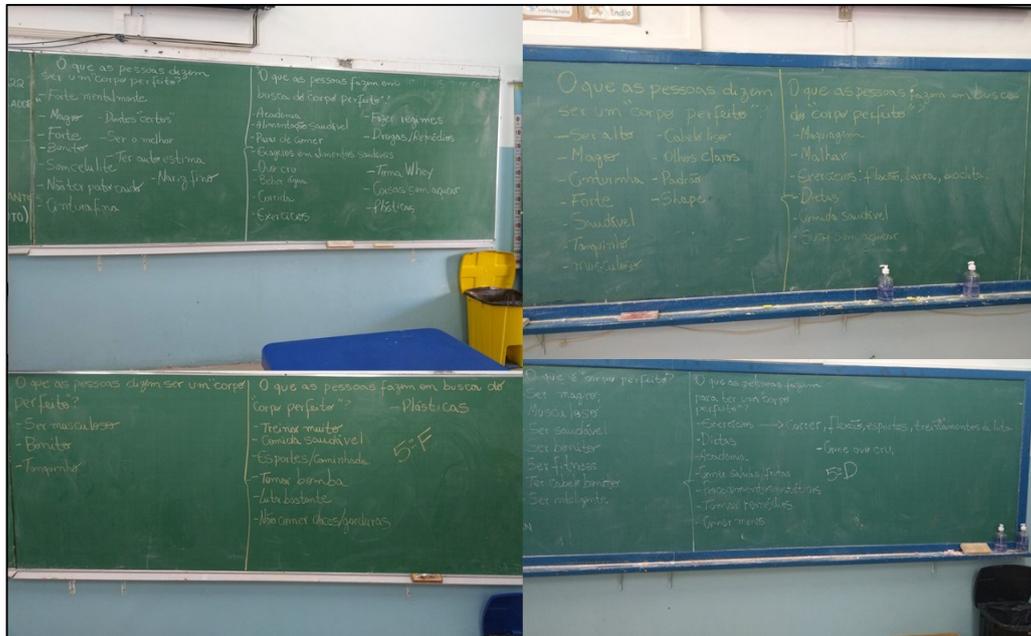
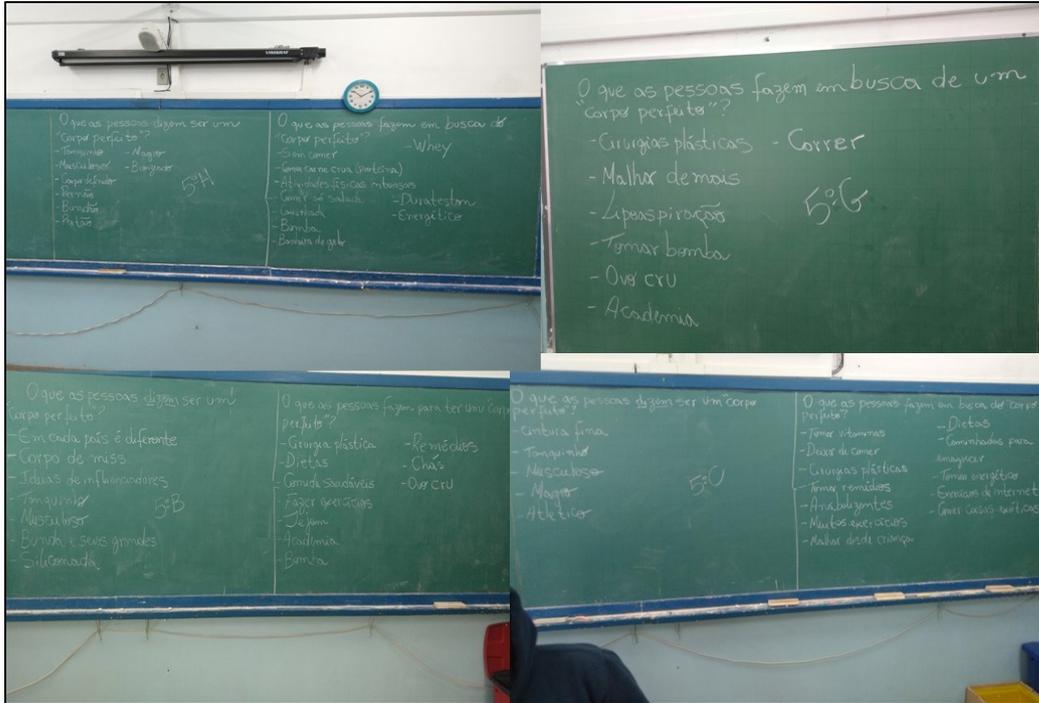
Fiquei com a pergunta da criança na cabeça, pensei diversas coisas, principalmente como as questões, pressões e ideários sobre um tipo de corpo tido como perfeito influenciam a(o)s estudantes. A empolgação com a pergunta foi tanta que ao longo da semana apresentei-a às outras sete turmas do 5º ano, anunciando que a pergunta seria o ponto de partida de um tema interessante para estudos.

Fim da tematização de caratê e do primeiro semestre, recesso, volta do recesso, algumas conversas iniciais, aula no 5º ano G: *Professor, bem que nosso tema poderia ser futebol.* Outro aluno nem espera eu responder e já diz:

Nossa, todo mundo já sabe que vamos estudar aquelas coisas sobre corpo perfeito. Acho que eu não fora o único a ser atravessado pela pergunta, mesmo após o recesso, grande parte das alunas e alunos lembrava que o nosso tema de estudos fora motivado pela questão: “o que é um corpo perfeito?”

Iniciamos as discussões na primeira semana de agosto:

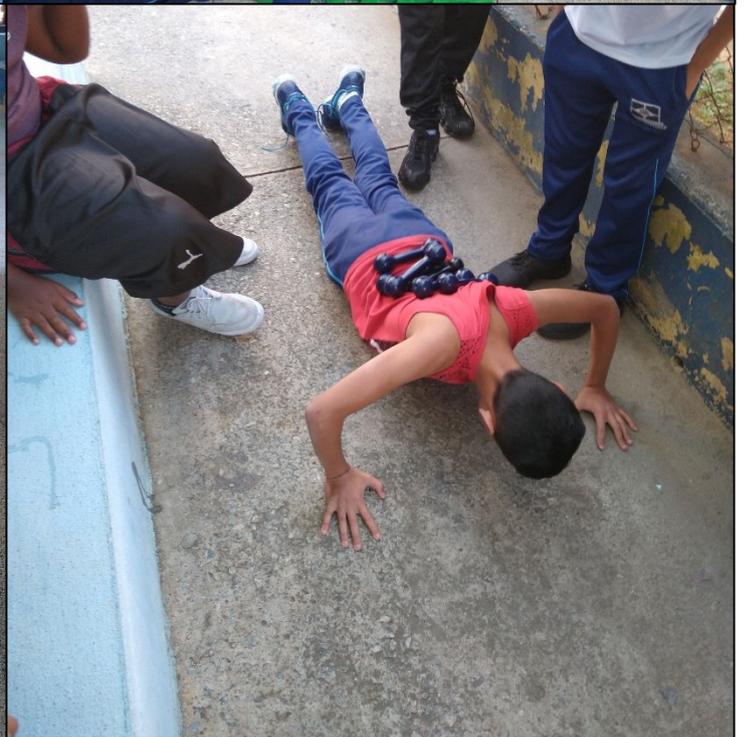
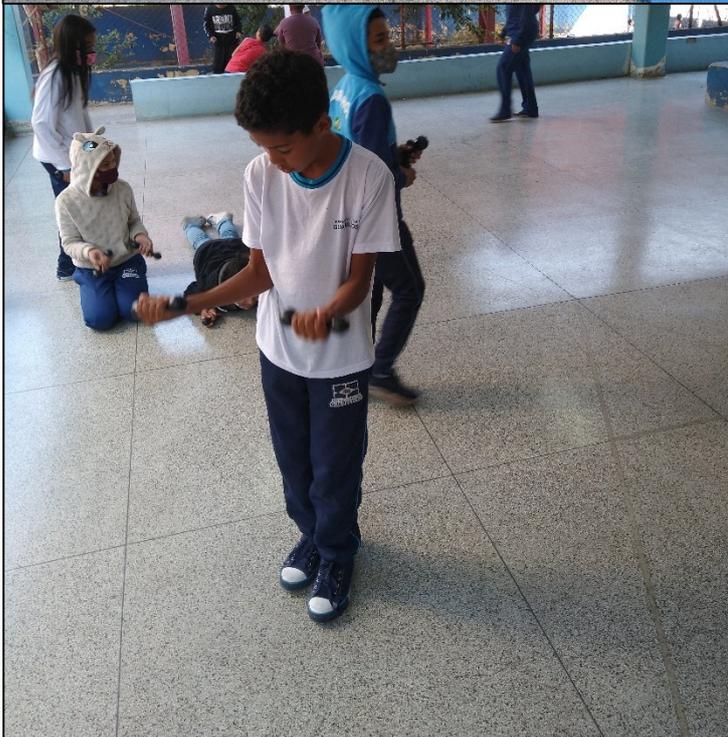
Galera, tenho duas perguntas para vocês, vou escrevê-las na lousa e anotar as respostas. Farei as mesmas perguntas para os outros quintos anos e as respostas de cada turma vão nos ajudar a pensar na elaboração de nossas próximas aulas. Primeira pergunta: O que as pessoas dizem ser um corpo perfeito? Segunda pergunta: o que as pessoas fazem em busca de um corpo perfeito?



Em todas as turmas, na sequência dessa primeira conversa nos dirigimos ao pátio para experimentar algumas práticas corporais mencionadas.

Galera, na escola temos alguns materiais. Registramos algumas das atividades que as pessoas dizem fazer em busca de um corpo perfeito, quais delas podemos fazer hoje?

A musculação foi repetidamente mencionada, bem como flexões, abdominais e corrida. Salientei que faríamos esses exercícios para sentirmos em nossos corpos os efeitos e sensações que as pessoas têm em busca de um corpo perfeito e que essas sensações são individuais.



Nossa, professor, tô só o pó. Fiquei foi dolorida. Da hora esses exercícios, já tô trincado. Outras falas dos alunos e alunas também chamaram a atenção: *As pessoas fazem photoshop para alterar a imagem do corpo. Imposto por um padrão. Cada país tem uma maneira de ser em relação ao corpo. Não existe corpo perfeito. Cada um deve ser feliz com seu corpo.*

Na semana seguinte apresentei para às turmas a sistematização das respostas:

1. O que as pessoas dizem ser um "corpo perfeito"?

Magro, musculoso, bonito, fitness, cabelo bonito, alto, cinturinha, forte, tanquinho, cabelo liso, olhos claros, shape, padrão, sem celulite, não ter peito caído, dentes claros, nariz fino, atlético, corpo de miss, bunda grande, seios grandes, siliconada, pernã, bronzeado, saudável, inteligente, ser o melhor, em cada país é diferente e ideias de influenciadores.

2. O que as pessoas fazem em busca de um corpo perfeito?

Atividades físicas: exercícios, academia, malhar, corrida, treinar muito, esportes, caminhada e exercícios da internet.

Alimentação: saladas, frutas, ovo cru, alimentos saudáveis, alimentos sem açúcar, vitaminas de frutas, energéticos, coisas exóticas, chás para emagrecer, carne crua e beber água

Ações sobre o corpo: dietas, procedimentos estéticos, maquiagem, parar de comer, regime, plásticas, malhar desde criança, lipoaspiração, jejum e banheira de gelo.

Ações em relação à alimentação: parar de comer, comer menos, exagero em alimentos saudáveis, não comer doces ou gorduras e deixar de comer.

Ações medicamentosas: drogas, remédios, *Whey protein*, bombas, anabolizantes e Durateston.

Dialogamos sobre as respostas. Os comentários me auxiliaram na identificação de outras compreensões das crianças sobre o corpo:

As pessoas tomam Durateston para ficar forte – falaram que tinham ouvido isso nas redes sociais.

Energéticos - disseram que um aluno estava com *Red Bull* na hora da entrada e outro aluno falou que toma *Monster*;

Pessoas amarram a boca para emagrecer.

Um estudante do 5º ano C disse que tinha dificuldade para aceitar sua cor de pele, que hoje ele se entende melhor, porém antes ele queria ser branco.

Uma criança mencionou o cabelo liso, mas o 5º ano C pareceu não entender este fator como imposição sobre o corpo.

Algumas alunas do 5ºG, após apresentação das respostas, reafirmaram que os corpos perfeitos são o magro, o forte e o que tem peitão.

Seguindo com os trabalhos, discutimos como as ideias e maneiras de compreender o corpo mudam ao longo dos anos, para tanto, lemos a reportagem: [Relembre os padrões de beleza feminina e masculina de cada década - Mega Curioso](#) e observamos nas imagens os detalhes, roupas, cortes de cabelo, estética corporal.

Nossa, professor, estranho esse povo de antigamente. Mas antigamente estas roupas, cortes de cabelo, não eram estranhos para as pessoas da época. Galera, em cada época somos influenciados de diferentes maneiras e meios, hoje vocês sofrem influências por quais meios? TikTok, Youtube, Instagram, influencers. E vocês não reproduzem o que veem? Como assim? As roupas que vocês vestem, os cortes de cabelo, as danças que vocês fazem, as músicas que ouvem vêm de onde? Professor minha mãe já disse que copiava as atrizes das novelas.

A professora que estava no fundo da sala observando a conversa levanta a mão: *eu tinha o corte de cabelo da Lady Diana quando casei, eu queria um vestido igual ao dela.* Mostrei para as crianças quem era a Lady Diana e seu corte de cabelo. A professora continuou: *exatamente, eu tinha esse corte de cabelo, coisa mais linda, todas as mulheres queriam ser a Lady Diana. Então galera, com a reportagem, o comentário da professora e com as falas de vocês, observamos que todos nós somos influenciados de muitas maneiras: o corte dos cabelos, as roupas, os enfeites e tantas outras coisas. Professor, posso falar uma coisa? Fala. Vamos logo para a quadra.*

No pátio e na quadra experimentamos exercícios das ginásticas de academia, após convidar o(a) estudantes a proporem atividades que as pessoas dizem fazer em busca de um corpo perfeito. Surgiram pular no caixote, prancha, abdominal, flexão, correr, polichinelo, polisapato, bicicleta. Ninguém se importou em repetir alguns realizados na aula anterior.



Mais uma semana de aulas. Convidei as turmas a observarem algumas imagens.







Esse agora é normal!

Muitas crianças qualificavam de normais as pessoas com características mais próxima às nossas. Questionei as turmas:

Se algumas pessoas são normais, o que seria as outras? Professor, se nós viajarmos para um desses países e encontrarmos algumas dessas pessoas, os estranhos não seríamos nós? Verdade, os diferentes seríamos nós. Se um é normal o outro seria o que? Anormal, professor? Galera, existe alguém anormal pela sua vestimenta, corpo, cor de pele, cultura, deficiência, enfeites pelo corpo e tantas outras coisas? Por isso, professor, estamos sempre falando que não existe um corpo perfeito, somos sempre diferentes. Semana que vem vamos na quadra? Ainda precisamos terminar esse papo, depois teremos iremos para a quadra. Ah, professor, fala sério.

Apresentei outras imagens.

Pessoal, se considerarmos que existem pessoas ou corpos normais, existe algum corpo que não seria normal? Como posicionaríamos estes corpos que não vemos nas redes sociais e tantos outros?



Dialogamos sobre o corpo idoso, negro, com deficiência, adoentado.

Professor, não é que não são normais é só o jeito de falar. Mas, se é o jeito de falar podemos falar e pensar de outra maneira. Professor, posso fazer uma pergunta? Claro. Nós não vamos para quadra? Vixe, percebi agora que a nossa conversa foi longa hoje. Na semana que vem nós vamos dançar. Affff, dançar? Nada a ver com o tema.

Acontece que enquanto fazíamos a análise, uma aluna perguntou se poderíamos dançar. Ela alegou que muitas pessoas dançam para emagrecer em busca de um outro corpo, que ela dança com vídeos do YouTube e jogos como o Just Dance. Achei a ideia muito interessante.

Algumas crianças também mencionaram o racismo e a gordofobia. Outras falaram sobre pessoas da sua família que as desrespeitam sobre quem são, como uma aluna que disse que avó não gosta dela por ser negra, outra disse que a chamam de gorda.

Ainda durante essa semana, no horário da refeição, uma aluna me indagou:

Professor, gostei muito daquela aula com as imagens de muitos corpos e pessoas diferentes, mas você esqueceu de uma coisa, você não trouxe nenhuma imagem de corpo trans. Fiquei impressionado com a percepção dela chateado com a minha falta de atenção. Realmente, não me atentei. Peço desculpas. Não se preocupa pró, o que vimos já foi muito interessante.

Percebi como as relações de gênero estão atravessando as crianças. Estão cada vez mais preocupadas com a valorização da vida e a busca de visibilidade das diferenças no espaço escolar.

Galera, na semana passada uma aluna do 5ºano E disse que muitas pessoas dançam em busca de um “corpo perfeito” e que poderíamos experimentar a dança nas aulas. Verdade professor, eu danço com minha mãe em casa os vídeos do Daniel Saboya e ela fala que quer emagrecer. Professor, eu também danço em casa, vários vídeos, TikTok, YouTube. Ai, professor, vamos logo dançar. Posso escolher as músicas? Vocês conhecem o jogo Just Dance? Vixe, Fessô, esse é da hora, sou craque e danço todas. Eu fiquei sabendo que esse jogo foi criado para fazer as pessoas se movimentarem enquanto jogam, tipo não ficarem sedentárias. Professor, bora logo dançar. Professor, tenho vergonha. Galera, dança quem quiser, dança como quiser, só experimentem, tentem e percebam as sensações em seus corpos. Professor, vamos fazer aqui na sala mesmo, a gente fica mais à vontade.



Nossa, foi muito legal dançar. Verdade, professor, na próxima aula vamos dançar mais, por favor. Professor, se as pessoas dançam em busca de um corpo perfeito, elas também jogam futebol, quando que vamos jogar futebol então? Risos e gritos de “é verdade”. Iaê, professor, todo mundo gosta de um futi. Galera, não é questão de gostar ou não, podemos sim jogar futebol em algum momento, mas por que as pessoas jogam futebol? Será que motivos são os mesmos? Professor, as pessoas podem fazer qualquer atividade por muitos motivos. Quais? Saúde, ficar mais magro, ficar mais forte... E vocês

jogam futebol por quê? Pra se divertir, fazer uns gols e zoar. Galera, depois continuamos esse papo.

Na semana seguinte continuamos a dançar.

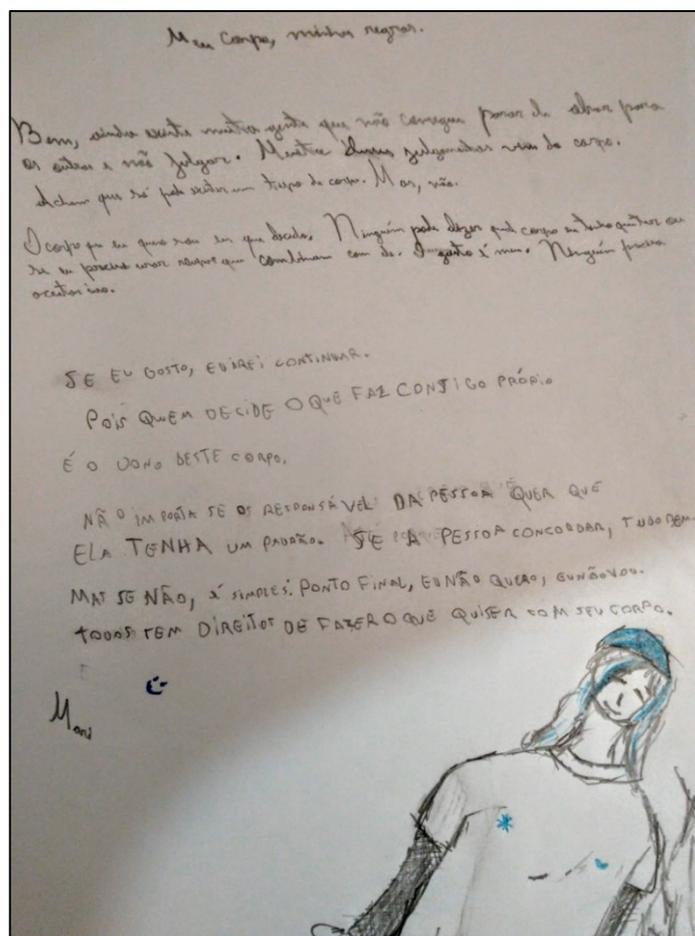
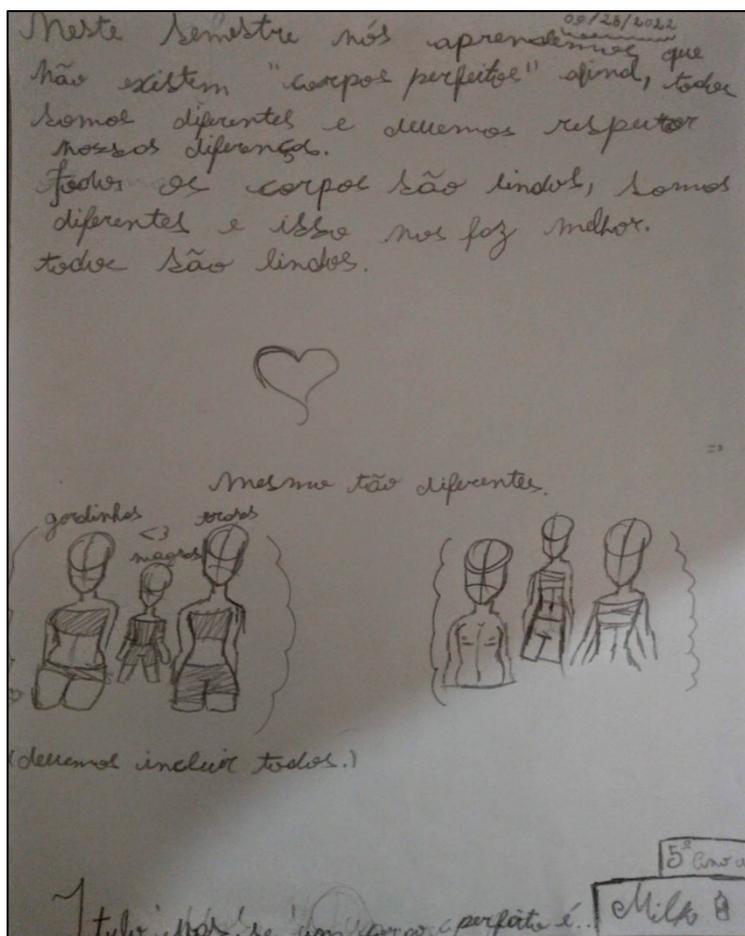


Certo dia, quando chegava para mais um dia trabalho, fui parado por uma aluna. Professor, fiz esse desenho para você. Deixa eu ver.



Caramba, que desenho mais lindo, por que você fez esse desenho? Professor, meu irmão é trans e as nossas conversas aqui valorizam todas as pessoas, aí fiz esse

desenho pensando nele. Nossa, muito obrigado, fico feliz demais pelo desenho e por você ter esse pensamento de valorização de todos. Naquele dia, pedi que levassem para o pátio os estojos e entreguei uma folha de sulfite para cada criança. Galera, hoje vocês devem colocar nesse papel o que estão entendendo das nossas aulas. Fiquem à vontade, escrevam o que curtiram, aprenderam ou mesmo o que vocês não curtiram. Façam um texto e se quiserem ilustrar, tudo bem. Professor, posso fazer desenho também? Eita, acabei de explicar, mais atenção. Professor, não sei o que fazer? Pessoal, façam juntos, dialoguem, conversem e vão fazendo a escrita a partir do que vocês estão conversando. Bora lá que vai dar certo.



Para acessar todos documentos, [clique aqui](#).

Como as crianças citavam diversas práticas corporais enquanto alternativas para a busca de um corpo perfeito, dialogamos qual seria a importância delas para nós. Na visão dos alunos e alunas o que interessa é que as pessoas se sintam bem ao jogar futebol, dançar, fazer ginástica, correr, brincar. Com isto organizamos duas aulas em que as crianças jogaram futebol, pularam corda, brincaram de bambolê, correram pelo pátio...

Apesar das crianças aceitarem que as pessoas participam dessas atividades para modificarem seus corpos, muitas brincam, dançam, lutam, fazem esportes ou ginásticas, com objetivos outros.

Apresentei às turmas uma [reportagem](#) e um [vídeo](#).

Galera, vamos pensar a partir do que observamos e assistimos. Quando vemos as redes sociais, Instagram, Facebook, TikTok e observamos as pessoas que estão à nossa volta, familiares e amigos, os corpos são iguais? Os corpos são parecidos com os observados nestas redes? Vixe, professor, nas redes sociais a gente só vê gente magra. Ou também um povo musculoso. Minha mãe é gordinha professor. A minha também. E por que não vemos ou vemos tão pouco pessoas com padrões corporais diversos nas redes? Tá doido professor? E os haters, tem gente que fica até depressiva. Todos sabem o que são haters? Um povo que fica falando mal das pessoas na internet. Tem gente que fica até com depressão? Professor, tô nem aí, eu amo meu cabelo, minha pele.

Apesar dessas falas, não foram poucos os relatos de situações de preconceito ocorridas com as crianças negras, desde referências à sua cor de pele, cabelos, partes do corpo ou mesmo penteados. Procurei a coordenadora da escola e a vice-diretora, duas mulheres negras que me auxiliaram a pensar em como lidar com essas questões. Convidei-as para dialogar com todas as turmas.

Decidimos reunir duas turmas por dia em uma sala de aula. Assistiram ao vídeo [O mundo no black power de Tayó](#). Na sequência, eram convidadas a falar sobre o material. Surgiram comentários elogiosos sobre o cabelo da Tayó, sua pele e partes do seu corpo, como seu nariz, que parece uma larga e valiosa pepita de ouro e até mesmo as dificuldades que Tayó enfrentou na escola.

A partir dos posicionamentos suscitados pelo audiovisual, ambas puderam compartilhar suas histórias de vida, iniciando com experiências positivas e negativas da infância, na escolares, as dificuldades para se entenderem como negras e a valorização de quem são nos diferentes ambientes que frequentam.



A atividade enriqueceu as discussões que vínhamos travando. As crianças narraram situações de violência policial sobre suas famílias, preconceitos que enfrentaram, mas também, experiências de valorização de si e do outro, e combate a todas as formas de discriminação.

As turmas foram impactadas quando uma aluna lembrou que se pesquisarmos no Google a expressão “pele feia” aparecerão majoritariamente mulheres negras. A informação gerou um grande descontentamento. Discutimos sobre o que fazer para mudar isso. Algumas crianças falaram sobre educar algoritmos ou mesmo mandar uma carta para o Google.

Gente, nenhuma pele é feia. Professor, minha vontade é... Olha.... Que raiva. Poxa, que absurdo, como fazem isso.

Propusemos a escrita de e-mails ao Google manifestando nossa indignação. A ideia foi acatada e mensagens foram redigidas.

Guarulhos, 21 de novembro de 2022

Nós da escola E.P.G. Dorcelina de Oliveira Zolator, gostaríamos de lhe pedir a grande favor, que quando pesquisamos cabelo e pele não apareça cabelos crespos e peles negras, pois é muito ruim porque estaria desmaturando as outras pessoas e vai estar falando que sua pele e cabelo são feios, esperamos que isso mude obrigado pela atenção.

Atenciosamente
Escola Dorcelina de Oliveira Zolator.

E-Mail Coletivo

Assunto: Ninguém pela pele feia.

Somos alunos do 5º ano de uma escola municipal de Guarulhos - S.P.

Vim de pesquisas no Google sobre pele feia, achamos a pele negra.

Questionamos que essa pesquisa foi verificada pelos sites e não se trata para os povos negros.

Imagino que um funcionário Negro da empresa Google fez a pesquisa que colocou a pele feia a pele negra.

Ele trabalharia na própria empresa que trabalha.

Esperamos que não passem nos ajudar e agradecemos a atenção.

Alunos do 5º A da
E.P.G. Dorcelina de Oliveira Zolator.

e-mail

Nós, alunos do 5º ano C da EPG Dorcelina de Oliveira Zolator queremos reclamar sobre a representação do "pele feia" como sinônimo de "pele feia" quando pesquisamos sobre esse assunto.

Isso não é racismo, um insulto o seu país? Porque não é contra o lei? Não não confere os leis?

Podemos ter um BASTA NISSO!

Produção de texto coletivo (texto de e-mail) 5º F

Bom dia!

(Guarulhos - SP - Brasil)

Nós, do 5º ano F, da EPG Dorcelina de Oliveira Zolator, selecionamos 94 sites e verificamos o resultado da pesquisa "pele feia" na Google. Isso não pode acontecer, porque não existem pele feia ou feia, mas sim diferentes.

Guarulhos, 18 de novembro de 2022

A Google.

Nós, Alunos do 5º Ano D, Viemos Através deste Email, Falar sobre o Preconceito que vimos AO DIGITAR "Pele Feia" Na barra de Pesquisa e o Resultado ser fotos de Pessoas negras.

ISSO MACHUCA DE SE VER, Afinal as Pessoas são todas iguais, Não importa a cor da pele, Os direitos são iguais! Pedimos com carinho, Mude ISSO POR FAVOR.

ISSO FAZ as Pessoas se sentirem mal!

Agradecemos, 5º D.



Finalizando o ano letivo, durante mais duas semanas de aulas, jogamos rouba bandeira, brincamos de corda, chutamos bola, jogamos damas, brincamos com raquetes, pulamos em um pequeno trampolim, corremos muito. Afinal, o importante é ser feliz sendo quem cada é em suas diferenças.